carioquice

publicação trimestral . ano vi . n:23 . out/nov/dez 2009
ISS 1981-6049

publicação trimestral . ano vi . n:23 . out/nov/dez 2009

"tenho um violão para me acompanhar, tenho muitos amigos, eu sou popular"

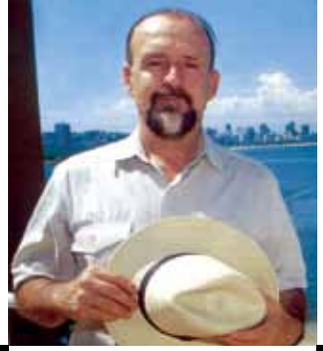
apud zé kéti e h. rocha

geraldinho carneiro

a rima rica do rio

carioquice

HOJE
É O DIA
DE DAR
BOM DIA
W/UnimedRio
ANS - nº 39.332-1
0800 025 5522
vivahojeesempre.com.br
Unimed
Rio
O melhor plano de saúde é viver.
O segundo melhor é Unimed.
Viva Hoje.



Vinicius, o embaixador de fato e de direito

Esquina do Ricardo

A possibilidade de recuperar a memória e a dignidade de brasileiros desterrados apenas por lutar por ideias/ideais é das mais nobres tarefas da redemocratização. O poeta Vinicius de Moraes, por exemplo, foi brutalmente apeado do seu posto de diplomata pelo AI-5, acusado de "poetinha – vagabundo e comunista". De lá para cá, Vinicius, que já era grande, tornou-se cada vez maior. Presente no coração dos brasileiros qual um rubi faiscante engastado na memória do nosso afeto comum, Vinicius está cada vez mais vivo, por sua poesia universal, suas letras, suas músicas, sua presença quase onipresente na bossa nova. Vinicius é e será cada vez mais lembrado, cantado, reverenciado.

Pois bem, há mais de um ano, diplomatas do porte de Jerônimo Moscardo e Samuel Pinheiro Guimarães, liderados por Celso Amorim, pediram a promoção póstuma do diplomata-poeta ao cargo de embaixador da República. Todos nós, devotos de Vinicius, esperávamos que o presidente Lula assinasse o ato de imediato. E até há um mês, nada.

Agora, o presidente Lula acaba de enviar ao Congresso Nacional o projeto de lei promovendo Vinicius de Moraes a embaixador.

Lula atendeu a extenso abaixo-assinado de notáveis que foi organizado pelo Instituto Cultural Cravo Albin. No nosso documento, dizia-se que Vinicius sempre teve – até como reles secretário do Itamaraty – o porte de embaixador. Pela altura abissal da poesia e, é claro, por ter sido o artífice da bossa nova. Vinicius, pois, sempre foi legítimo Embaixador, até por puro reconhecimento universal.

Logo que a promoção de Vinicius chegou ao Congresso, o regime de urgência para a tramitação foi acordado entre todos os líderes.

Para concluir, nós, cultores do poeta, propomos – aqui e agora – ao prefeito Eduardo Paes que seja um terceiro embaixador viniciano: dê o nome dele à praça que faceia o vetusto Palácio do Itamaraty no Rio. Até porque o embaixador Jerônimo Moscardo, que preside a Fundação Alexandre de Gusmão do MRE, não só concorda como está disposto a também solicitar ao prefeito mais essa honraria para lustrar a memória de Vinicius.

SUMÁRIO

CARIOQUICE

Nº 23 OUT/NOV/DEZ 2009
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

6 Papai passou açúcar em mim

10 Pérolas para tudo quanto é lado

Causos e Letras

18 Menino do Rio, sim!

24 Os sete trabalhos de Bianca

Magia do Olhar

32 Oásis das Laranjeiras

Saga Carioca

42 O poeta da Terra do Nunca

50 Bebop no meu samba

Do bem comer e melhor beber

56 A revelação do escondidinho

Cidade Maravilhosa

62 Como era gostoso o meu francês

Embaixador do Rio

68 Rio, cidade cartão-postal
Por Jerônimo Moscardo

EXPEDIENTE

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli
Ilan Bar
Júlia Santhiago

ARTE
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Rubens Sylvio Costa

CAPA
Adriana Lorete

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- André de Barros
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Carlos Alberto Cerpa
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cícero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Everardo Magalhães Castro
- Francis Hime
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- João Bosco
- João Mauricio de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da Silva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Lélia Coelho Frota
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luís Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nélida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua Sete de Setembro, 71 / 14º andar · RJ ·
Cep 20050-005 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Sansão Alves dos Santos, 76 / 7º andar · Brooklin · SP ·
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 5502-3844
email: clementeinsight@uol.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

TUDO O QUE FOI DISCUTIDO EM COPENHAGUE JÁ É REALIDADE NA VALE.

- **Reaproveitamento de 76% de toda a água que utiliza.**
  Com mais tecnologia, a Vale consome menos água nos seus processos e consegue produtos de melhor qualidade e mais sustentáveis como o mundo de hoje tanto precisa.

- **Redução de emissão de CO2 com biodiesel.**
  Com locomotivas movidas a gás natural e biodiesel, a Vale se tornou a 1ª operadora logística do Brasil a transportar seus produtos com menor impacto ao meio ambiente.

- **Mais de 300 mil hectares plantados ou recuperados.**
  Ao final de 2008, a Vale atingiu a marca de 1,4 hectare plantado ou recuperado para cada hectare impactado pelas suas operações no Brasil. Isso significa uma área equivalente a duas vezes a cidade de São Paulo e duas vezes e meia a do Rio de Janeiro.

- **A Vale ajuda a proteger cerca de 3 bilhões de árvores.**
  O número de árvores protegidas nas áreas de preservação da Vale equivale a quase a metade da população mundial.

- **Energia limpa para o futuro.**
  A Vale Soluções em Energia - VSE, uma parceria com o BNDES, desenvolve programas na área de geração de energia sustentável com ênfase em processos ambientalmente corretos e no uso de fontes energéticas renováveis.

- **Instituto Tecnológico Vale. A mineração do futuro nasce aqui.**
  O ITV irá desenvolver tecnologia verde e amarela em seus processos, além de estimular o desenvolvimento de uma nova geração de cientistas brasileiros.

A Vale sabe que não existe futuro sem mineração sustentável.

www.vale.com

VALE

Cada vez mais verde. E amarela.

Brasil: sede da Copa 2014 e da Olimpíada 2016. Passada a euforia, vem a pergunta: qual o benefício para a sua empresa?

Para empresas que buscam crescimento ou melhoria nos processos, a PwC oferece consultoria tanto no plano estratégico como no dia a dia. Além de aconselhar, também implementa ideias com competência, transformando estratégias em realidade. Gere mais valor para o seu negócio: chame a PwC.

PRICEWATERHOUSECOOPERS pwc.com/br

© 2009 PricewaterhouseCoopers. Todos os direitos reservados. PricewaterhouseCoopers refere-se ao network de firmas membros da PricewaterhouseCoopers International Limited, cada uma das

age.

quais constituindo uma pessoa jurídica separada e independente.

Papai passou açúcar em mim

por **Mônica Sinelli**

Um vasto repertório à base de sambas foi o legado do menino nascido no berço esplêndido do partido-alto. Filho do saudoso João Nogueira – verbete de honra, como ele, no Dicionário Cravo Albin da MPB –, de quem herdou uma impressionante semelhança de timbre vocal, ele hoje, aos 28 anos, deixa-se levar por essa magia – a de fazer canções como as que fez seu pai. Não bastasse toda essa nobreza, o rapaz é bonito de dar dó.

As festas na casa dos Nogueira podiam durar um tempo razoável, digamos, dois, três dias seguidos. O pequeno Diogo ia dormir — e acordava — ao som de violões e batucadas. A partir dos cinco anos, João (falecido em 2000) já o levava nas rodas de samba do Rio. "Nasci na Barra e sempre morei no Recreio dos Bandeirantes, que era uma região deserta, ainda sem as construções que não param de crescer a cada dia. Parecia uma cidade do interior, todo mundo se conhecia. Mas, também, passei boa parte da infância em Rocha Miranda, quando ia visitar minha avó, e podia jogar bola na rua, pulava muro para pegar fruta no pé. Bons tempos de moleque em um Rio bem mais tranquilo. Naquela época, tudo era uma grande brincadeira. Havia muita festa, muito samba lá em casa e tive o privilégio de conviver com bambas, como Dona Ivone Lara, Beth Carvalho, Martinho da Vila, Monarco e tantos outros", conta.

O mestre João incentivava o filho a participar de suas apresentações. "Eu cantava no chuveiro — relembra — e ele dizia que eu fazia isso bem. A primeira vez que cantei em um grande show dele foi em Salvador, no Pelourinho, no Dia Nacional do Samba, para mais de 20 mil pessoas. Fiquei muito nervoso, mas entrei com fé e todo mundo cantou junto comigo. Foi emocionante. Mas eu nunca quis ser cantor. Quando fiquei mais velho, só pensava em jogar bola e treinava na divisão de base de alguns clubes no Rio. Fui morar no Sul e, após uma contusão atuando no Cruzeiro de Porto Alegre, voltei para cá e comecei a fazer participações em rodas de samba. Nelas, ganhei os primeiros cachês e senti confiança para montar uma banda e realizar meus próprios shows."

Inspirado, além de João, claro, em craques como Chico Buarque, Paulinho da Viola, Arlindo Cruz, Zeca Pagodinho "e muito mais gente boa" — e já com a bênção dos bambambãs —, ele participou, no final de 2005, do espetáculo realizado no Teatro Muni-

Diogo em três tempos ao lado do pai, o grande sambista João Nogueira, de quem herdou o timbre inconfundível

cipal em comemoração aos 40 anos de carreira de Beth Carvalho. Naquela noite, Diogo emocionou a plateia ao interpretar "Poder da criação", música de seu pai em parceria com Paulo Cesar Pinheiro. Em 2007, lançou seu primeiro CD, com clássicos do samba e músicas inéditas, acompanhado da gravação de um DVD no Teatro João Caetano, ao lado dos convidados Marcelo D2, Xande de Pilares (grupo Revelação) e Marcel Powell, violonista filho de Baden. "Foi um momento marcante, assim como o primeiro ano em que venci a disputa de samba-enredo da Portela. Quando vi a escola desfilar na avenida com um samba meu e de meus parceiros, tive uma emoção que nunca havia sentido até então." E com motivo de sobra. Diogo se sagrou tricampeão pela azul-e-branco, coassinando, pela terceira vez consecutiva, o samba-enredo da agremiação do coração de sua família. Um feito e tanto: o próprio João, com todo o seu imenso prestígio, nunca conseguiu emplacar um samba de sua autoria na ala de compositores da Portela.

isso é que é carioquice

No ano seguinte, ele realizou sua primeira viagem internacional, aos Estados Unidos, onde participou da festa do Grammy Latino, prêmio em que estava indicado na categoria Artista Revelação, fazendo shows em Los Angeles e San Diego. "Entre tantos momentos emocionantes, posso citar também o réveillon de 2008, quando fiz o show em Copacabana para mais de três milhões de pessoas. Só havia um único palco na praia e caixas de som espalhadas por toda a orla. Foi uma grande responsabilidade, mas graças a Deus tudo deu certo", afirma.

Em junho deste ano, retornou aos EUA para novas apresentações em LA, Miami, Houston, San Francisco e Newark. E, também, lançou seu segundo CD, "Tô fazendo a minha parte", com músicas inéditas, de sua autoria e de compositores como Arlindo Cruz e Almir Guineto. Depois do trabalho pronto, chegou um presente inesperado: Chico Buarque e Ivan Lins mandaram a inédita "Sou eu",

especialmente para Diogo gravar. Chico o conhece desde os tempos em que João Nogueira o levava, ainda criança, para assistir aos jogos em seu famoso campo de futebol. Ele e Ivan acharam que o samba "tinha a cara do Diogo" e foi assim que entrou no disco. "Há coisas na vida que parecem ter vindo do céu — imagina. O CD já estava indo para a fábrica quando o Chico me ligou falando dessa canção dele e do Ivan Lins, perguntando-me se eu queria gravar. A música tem um suingue delicioso e uma letra perfeita. A gravação foi mágica, feita em dois dias, e ainda tive a honra de ter o Chico fazendo coro comigo no estúdio."

Além da turnê pelas principais capitais brasileiras, Diogo vem dividindo seu tempo como apresentador do Programa Samba na Gamboa, que vai ao ar toda terça-feira na TV Brasil. "É ótimo, uma nova experiência em minha vida. Após as primeiras gravações, peguei o jeito da coisa e, em quatro meses, gravamos 52 entrevistas e mais de 250 musicais. Tive o privilégio de cantar e conversar com grandes artistas como Paulinho da Viola, Martinho da Vila, Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, Jorge Benjor, João Bosco, Jorge Aragão, Arlindo Cruz, Dudu Nobre e muitos outros."

O jovem sambista inicia agora com o filho pequeno o roteiro percorrido ao lado de seu pai. "Davi, com três anos, já demonstra que adora música. Canta, dança e sempre é uma curtição estar com ele. Sempre que posso o levo comigo, mas, normalmente, como os shows são tarde da noite, ele só pode ir de vez em quando. Outro programa de que gosto é ir à praia no Recreio. Praia, samba e futebol: isso é que é carioquice", brinca Diogo. E, afinal, qual é a sua parte, rapaz? "Minha parte é minha arte, meu ofício, meu trabalho de cantar e levar alegria para esse povo brasileiro tão sofrido, e que sempre encontra uma maneira de ser feliz em tudo o que faz. Como diria a música "Poder da criação", 'ninguém faz samba só porque prefere, força nenhuma no mundo interfere, sobre o poder da criação'. É isso, algo que vem de maneira especial, que nos dá inspiração para sonhar e criar." E um verso vem vindo e vem vindo uma melodia. E o povo começa a cantar.

Pérolas para tudo quanto é lado

por Kelly Nascimento

Além de caixa com quatro CDs para celebrar o começo do centenário de Noel Rosa (encomendada pelo Grupo MPE), uma preciosa iguaria será oferecida pelo Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA) neste fim de ano. Trata-se da obra "MPB – A Alma do Brasil", que perfila – década a década – os últimos quarenta anos. Para a nobre tarefa, o ICCA – patrocinado pela Finep e com apoio da Faperj – reuniu um time que representa a fina flor do jornalismo cultural: Artur Xexéo, Antônio Carlos Miguel, João Máximo e Luiz Antonio Giron.

Almir Sater

Carmem Miranda

No livro organizado por Ricardo Cravo Albin serão esmiuçados acontecimentos da música brasileira entre 1967 e 2007. "Quatro períodos — situados entre 1967 e 2007 — que acompanham a experiência bem-sucedida dos 40 anos da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos). Instituição de pesquisa que começou a investir entre 1967 e 1968 com uma originalidade: injetar recursos no primeiro grande sonho do disco independente neste país, o do produtor Marcos Pereira. Meu amigo Marcos Pereira pensou grande, agiu grande, gravou grande", explica Cravo Albin. O livro é acompanhado de dois CDs, passeios musicais pelas quatro décadas.

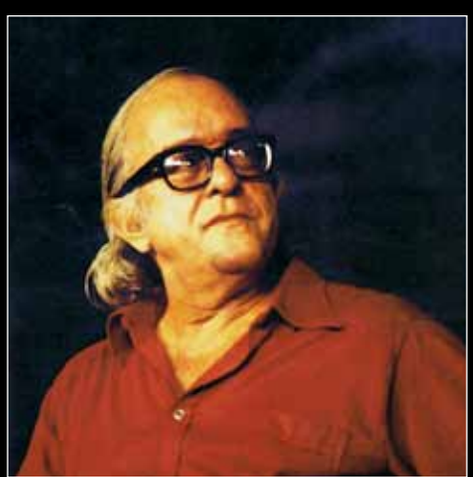
Com efeito, a Finep, instituição vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, tem se dedicado, há mais de 40 anos, a preservar e disseminar a cultura brasileira. O apoio para a realização da obra traduz esse esforço, bem

Rita Lee

Edu Lobo

Ivan Lins

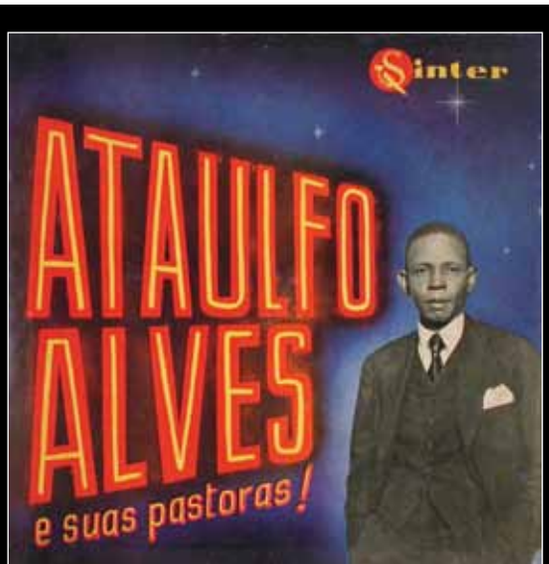
Lulu Santos


Vinícius de Moraes

como o reconhecimento da importância da MPB. "O livro "MPB - A Alma do Brasil", editado pelo Instituto Cravo Albin, é uma publicação singular. Destaca a efervescência cultural que precedeu as últimas quatro décadas da Música Popular Brasileira, direcionando o olhar para a importância das raízes que consolidaram o movimento. A publicação ressalta não apenas estes últimos 40 anos, período que coincide com a própria existência da Finep, mas a ampla introdução de Ricardo Cravo Albin que traça o nascimento dos gêneros e compositores, desde as primeiras manifestações de miscigenação, de transculturação, e de evolução que fundamentaram nosso suingue", diz Luis Manuel Rebelo Fernandes, presidente da Finep.

Na avaliação do diretor presidente da Faperj, Ruy Garcia Marques, a MPB é sinônimo de boa música e reúne histórias que merecem ser contadas para que possamos entender a profundidade de seu enraizamento na cultura. "A Faperj, que tem entre suas metas o apoio à investigação e à divulgação de nossa cultura, sente-se honrada em ter podido contribuir para mais esse belo produto do Instituto Cultural Cravo Albin. Esperamos que, na esteira desse livro, muitos outros possam vir à luz, ampliando o nosso conhecimento sobre aquilo que não apenas faz parte de nossa alma, mas que, principalmente, não deixa nunca de nos encantar", opina Ruy Garcia Marques. Outro parceiro do ICCA nessa empreitada é a Fundação Alexandre Gusmão, braço do Ministério das Relações Exteriores que viabilizou a edição em inglês.

Outro parceiro do ICCA nessa empreitada é a Fundação Alexandre Gusmão, braço do Ministério das Relações Exteriores que viabilizou a edição em inglês



No ano de 1967 o maestro Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim lançava seu décimo disco. No mesmo ano surgia no Brasil a Financiadora de Estudos e Projetos, a Finep

Passeio pelas décadas

No ano de 1967 o maestro Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim lançava seu décimo disco, "Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim". No mesmo ano, surgia no Brasil a Financiadora de Estudos e Projetos, a Finep. Desde então, a MPB viu surgir novidades musicais como o Tropicalismo, entre tantas boas novas sonoras. As quatro décadas de existência da Finep inspiraram o Instituto Cultural Cravo Albin a comemorar o marco de forma muito especial: o projeto MPB Finep: 40 anos em ação.

Buscar interseções entre a história da Finep e a da MPB. Esse é o objetivo da mais nova empreitada cultural do ICCA.

É João Máximo quem abre os trabalhos, falando do decênio a partir da criação da Finep, em 1967. Naquele ano, o ex-sargento do Exército Martinho José Ferreira decidiu inscrever o partido-alto "Menina moça" no Festival da Record. E as noites da Jovem Guarda da mesma Record eram recorde de audiência.

"É verdade que essa música estava em alta em meados de 1967. Era de fato intenso o movimento musical paulistano, dentro e fora dos estúdios da Record. Continuavam lotados os shows do Teatro Paramount. Boates, bares, casas noturnas, havia música por toda parte. As emissoras de rádio abriam, como nunca, espaço para os mais diversos gêneros e estilos. E a televisão, naturalmente, fazia o mesmo com mais exposição. Muitos compositores e intérpretes do Rio e de outros estados transferiram suas bases para São Paulo. Ou, pelo menos, iam para lá uma vez por semana no trem noturno que Ciro Monteiro, cariocamente, batizou de "avião dos covardes", escreve Máximo.

A década de 60 foi o apogeu dos festivais. Deles, lembra Máximo, vieram novidades. Entre elas, as canções "Domingo no parque", de Gilberto Gil,

e “Alegria, alegria”, de Caetano Veloso. “ (...) As canções de Gil e Caetano, lançando ali os fundamentos do que seria o Tropicalismo, eram mais do que simples novidades. Pela qualidade e pelo que propunham de novo”, avalia o jornalista.

A Artur Xexéo coube o decênio entre 1977 e 1986. O período começa com o marcante show “Pássaro da manhã” de Maria Bethânia, no Teatro da Praia, no Rio de Janeiro. O espetáculo ficou seis meses em cartaz. Segundo Xexéo, a maior novidade musical do ano de 1977 foi uma outra cantora baiana: Simone Bittencourt de Oliveira, ou simplesmente Simone. “Simone não era exatamente uma iniciante. Baiana, ex-jogadora de basquete, havia quatro anos mantinha um contrato com a gravadora Odeon. Aos 27 anos, tinha gravado quatro discos, feito uma excursão à Europa com o sambista Roberto Ribeiro, participado de shows nos Estados Unidos e no Canadá, mas permanecia afastada do sucesso. Estava pensando em desistir. A crítica teimava em classificá-la como uma cantora elitista. Ela queria provar que poderia ser popular. O disco programado para 1977 seria sua última tentativa. Com produção de Renato Correa, o repertório buscava o melhor da MPB. Entre outras, ali estava, de novo, “Começaria tudo outra vez”, de Gonzaguinha, uma das músicas do ano”, escreve.

A ditadura e a pressão popular por democracia influenciaram as composições daqueles tempos. Era o contexto que permeava “Tô voltando”, de Maurício Tapajós e Paulo Cesar Pinheiro; “Cálice”, de Chico Buarque e Gilberto Gil, “Senhora Liberdade”, de Wilson Moreira e Nei Lopes. Nesse período, surgiria o hino da anistia: “O bêbado e a equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc. A canção foi incluída no disco “Essa mulher”, que Elis Regina lançou em 1979. Um ano depois, a MPB estava de luto. Morriam Vinicius de Moraes e Cartola.

A alegria voltou com o surgimento de uma nova banda no cenário musical: a Blitz!. Tocando rock com um quê de *new age*, a banda ganhou o Brasil no verão de 1982 com a música “Você não soube me amar!” Aquele ano foi pródigo em

Simone não era exatamente uma iniciante. Baiana, ex-jogadora de basquete, havia quatro anos mantinha um contrato com a gravadora Odeon. Aos 27 anos, tinha gravado quatro discos e feito uma excursão à Europa

novidades: surgiram no cenário Eduardo Dusek e Barão Vermelho. E dos grupos de rock nacional, merece também registro o Legião Urbana de Renato Russo.

A MPB de 1987 a 1996 fica por conta de Antonio Carlos Miguel. "Em 1987, ano no qual pegamos o bastão nessa retrospectiva que cobre os últimos 40 anos da música popular brasileira, o país ainda vivia o auge da geração que ficou conhecida pelo rótulo BRock (termo cunhado pelo jornalista Arthur Dapieve). Um ano antes, a euforia — ilusória, como logo depois ficamos sabendo — do Plano Cruzado ajudaria nas vendas astronômicas do disco "Rádio Pirata — Ao vivo", 2,2 milhões de cópias, feito do então último fenômeno do gênero, o grupo RPM", escreve Miguel. O período foi marcado por grandes perdas: as mortes de Cazuza, em 1990, de Tom Jobim, em 1994, e de Renato Russo, em 1996.

Mas houve, também, boas notícias. "Em 1988, o jovem Ed Motta, de apenas 16 anos, é o grande destaque, o vozeirão do Conexão Japeri, que chega às rádios com "Manuel". O sobrinho de Tim Maia, como a mídia não cansava de alardear, e tentava aprisionar, sonhava com muito mais, e logo tratou de concretizar isso. Inspirado no quadrinista americano Will Eisner, ele gravou em 1990 "Um contrato com Deus" (1990). No estúdio, desdobrando-se em quase todos os instrumentos, estavam apenas Ed e seu parceiro, Bom Bom. O disco oferecia novas canções, ainda marcadas pelo soul e pelo funk, intercaladas por vinhetas nas quais Ed passava também por blues, reggae e dub", recorda o jornalista.

E em 1989 foi a vez de Marisa Monte estrear. E encantar a todos. Um ano depois, boas surpresas: Adriana Calcanhoto e Cássia Eller. "Cassia Eller estreou em 1990, em disco que misturava vanguarda paulistana da MPB e rock. E graças à atitude, o ingrediente que tanto contribuiu (para o bem e para o mal) ao rock, foi apontada como a herdeira do Exagerado — homenageado no disco "Veneno antimonotonia", que ganhou também um show e um disco ao vivo", nota Miguel.

A MPB na virada do século é contada por Luís Antonio Giron. "No período aqui analisado — 1997 a 2007 — a globalização se impôs concretamente. Houve uma mudança no mercado da música devido à pirataria e à emergência da distribuição de arquivos digitais pela internet e consequente adaptação dos músicos às novas condições de produção e distribuição da música. As empresas promotoras de espetáculos e instituições públicas e privadas deram espaço a todo tipo de manifestação. A música brasileira continuou a fazer algum sucesso no exterior, embora o mercado para ela não tenha se estabelecido com a mesma força de outras músicas, como a latina, a cubana e a americana, que conquistaram as paradas de sucesso e obtiveram grandes vendagens. No plano internacional, o Brasil manteve o prestígio conquistado pela Bossa Nova, sem o mesmo efeito de influência", avalia.

A inovação veio com Bebel Gilberto, mostra o jornalista. Seu álbum "Tanto tempo", de 2000, misturou Bossa Nova e música eletrônica e lançou tendência mundial. Outros fatos relevantes no período foram a criação da Trama, em 2001, em São Paulo, e da Biscoito Fino, em 2002, no Rio de Janeiro. Por meio das gravadoras, vieram também talentos como Max de Castro, Yamandú Costa, Fernanda Porto e Jair Oliveira. No Rio, a revitalização da Lapa revelou o talento de Teresa Cristina. E a MPB continua se renovando.

SOU LEGAL
NO TRÂNSITO
TAXI
MOTORISTA LEGAL É MOTORISTA CONSCIENTE.

QUANDO FOR DIRIGIR, NÃO BEBA. QUANDO BEBER, NÃO DIRIJA.

No trânsito é preciso ter sempre em mente o perigo que você pode causar aos outros e a si mesmo. Sob o efeito do álcool um acidente pode ser inevitável, mesmo se o consumo for em pouca quantidade. **Dirija com consciência.**

Denatran **Ministério das Cidades**

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

www.eusoulegalnotransito.com.br

Menino do Rio, sim!

POR KELLY NASCIMENTO

Mora no Copacabana Palace um carioca assumido, obcecado e apaixonado pelo Rio de Janeiro. É ele quem comanda o hotel que melhor traduz o glamour da Cidade Maravilhosa e encanta turistas do mundo inteiro. Por uma dessas ironias do destino, nasceu na nublada e fria Inglaterra. Mas foi por estas bandas tropicais que ele se encontrou. E que ninguém ouse chama-lo de inglês. Philip Carruthers é brasileiro, carioca e flamenguista de carteirinha. Mengooo!

Quem quiser discutir nacionalidade, ele vai logo dando carteirada — e rubro-negra! "Eu sou inglês, de fato, nascido, mas, a rigor, eu já sou brasileiro, naturalizado brasileiro. Deixa eu te mostrar aqui, eu sou sócio do Flamengo desde 1970. Sou flamenguista de carteirinha há 39 anos. Embora nascido na Inglaterra, sou brasileiro e flamenguista", brada.

Tenho mais de 40 anos no Brasil. Nesse tempo todo, boa parte — quase 30 anos — passei aqui no Rio, o restante do tempo em São Paulo, Salvador, Recife e Belo Horizonte, sempre trabalhando em hotelaria. "Tenho 44 anos de hotelaria no Brasil, comecei como estagiário no Grupo Othon, onde passei 15 anos. Depois fui para o Grupo Quatro Rodas, no Rio Palace, antes de virar Sofitel". A jornada turística de Phillip fez seu pouso seguro no Copacabana Palace.

"Estou no Copa há 20 anos.Mas quando cheguei aqui eu já tinha uma experiência hoteleira de quase 25 anos no Brasil. Eu não era nenhum recém-chegado. Ao contrário, já estava bastante enraizado aqui. Mas muitas pessoas fazem essa alusão a mim como estrangeiro: primeiro pelo nome, inglês, depois pela aparência. Então, as pessoas logo pensam num gringo recém-chegado. Eu nunca me senti um gringo,sempre me senti muito brasileiro. E digo mais: tenho vivência em vários estados brasileiros, além da minha vivência com as coisas cariocas: fui frequentador assíduo da arquibancada do Maracanã, para ver os jogos do Flamengo. Eu tenho uma formação muito brasileira", explica.

E, claro, essa brasilidade toda ele aplica na gestão do Copa. "Minha gestão aqui, na verdade, tem muito mais a ver com o meu lado brasileiro do que com meu lado inglês."

Mas esses dois lados estão longe de representar um conflito para Carruthers. "Se as pessoas querem me ver como inglês, tudo bem, podem me ver como inglês. Tecnicamente, aqui no Brasil eu sou brasileiro, sou naturalizado. E, ao ser naturalizado, você assume a nacionalidade brasileira. Eu tenho carteira de identidade brasileira, minha carteira não é de estrangeiro. Aqui no Brasil, sou brasileiro perante a lei: eu voto, tenho título de eleitor. Eu não sou inglês no Brasil. Eu posso ser inglês quando vou para a Inglaterra, pois tenho dupla nacionalidade", explica.

Atestados para comprovar a tese não lhe faltam. "As pessoas que trabalham comigo me veem muito mais como brasileiro. Sou casado com uma brasileira, tenho três filhos e quatro netos — todos brasileiros e cariocas, por sinal. Uma pessoa com esse tempo todo de casa e um currículo desses não pode ser chamada de inglês", brinca.

o desafio

Questões de relações internacionais à parte, as duas décadas à frente do Copa rendem boas histórias de gestão para contar. "Claro que a primeira coisa a fazer quando cheguei era reorganizar todo o Copa, um hotel inaugurado em 1923. O Grupo Orient Express adquiriu o hotel em 1989, quando ele somava 66 anos de existência. Era um hotel que já tinha percorrido um caminho maravilhoso, já era um ícone da hotelaria brasileira. Antes de nós o adquirirmos, tinha passado por dificuldades financeiras, devido à forte concorrência dos novos hotéis construídos na década de 70: Intercontinental, Nacional, Meridien, Rio Palace etc. Eram hotéis com equipamentos modernos, ficava difícil para o Copa concorrer."

Nessa época, o hotel começou a perder espaço competitivo no mercado do Rio. "Isso criou dificuldades financeiras, e a família proprietária — os Guinle — não dispunha dos recursos necessários para a reforma. Eles até pensaram que o problema do Copa era o pouco número de apartamentos por metro quadrado." De fato, o Copa tinha no prédio principal 145 apartamentos e, no anexo, mais 78, perfazendo um total de 223 acomodações. Sem condições de concorrer com a nova hotelaria.

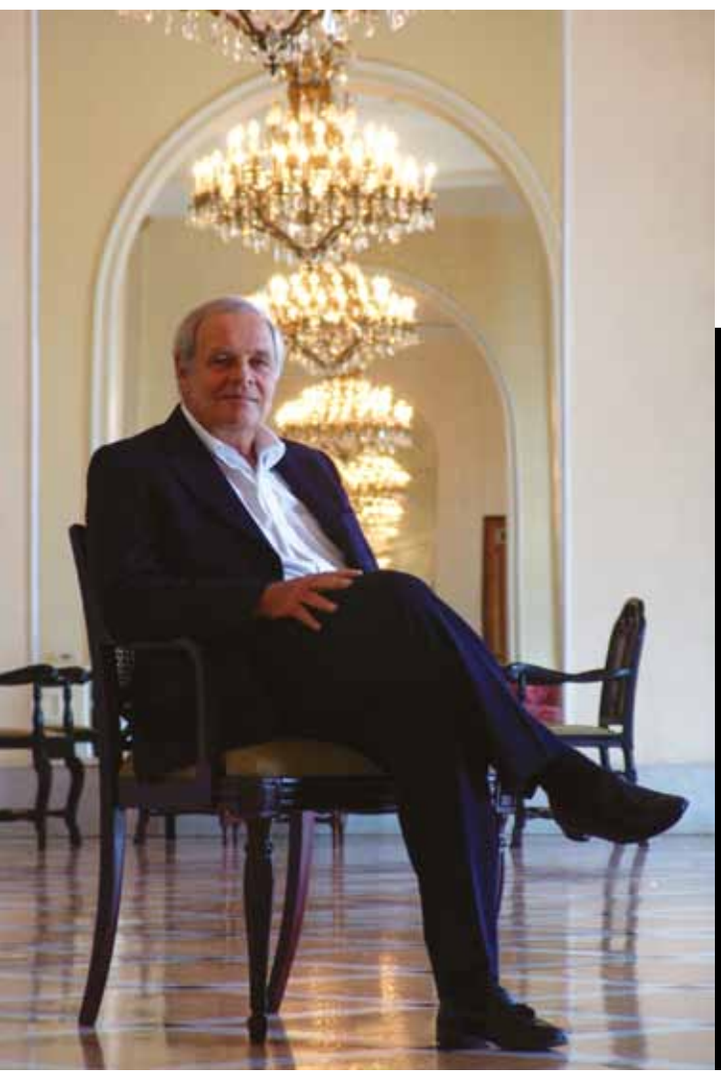
Vislumbrou-se construir até um novo hotel, o que acabou, por vias transversas, forçando o tombamento do hotel. A ideia da família Guinle era derrubar o existente para construir um novo Copa, com 700 apartamentos. Graças a Deus essa heresia não aconteceu! O Copa já era um ícone da cidade e a alma do bairro de Copacabana. Foi o primeiro prédio construído

"Estamos extremamente otimistas com nossas perspectivas. E a indicação do Rio para sediar os Jogos Olímpicos de 2016 é um momento histórico para a cidade e nós acreditamos que trará enormes benefícios para os cariocas e para a cidade do Rio"

COPACABANA - PALACE

na Praia de Copacabana, simbolizando o próprio crescimento do bairro.

Para a família Guinle, o tombamento caiu como um balde de água fria em seus planos — processo que culminou com a venda da joia da hotelaria carioca para o Grupo Orient Express. "Fizemos uma grande reforma, com vistas a reposicionar o hotel de uma forma diferenciada no mercado, reconquistar o glamour que havia sido perdido nos dez anos anteriores. Após a aquisição, nós já investimos em reforma perto de U$ 90 milhões", lista Carruthers, que comandou a enorme transformação das instalações físicas do Copa.



Hoje, a sua fachada é quase a mesma de 20 anos atrás. "A primeira obra que fizemos foi na fachada, que foi recuperada, pintada e iluminada. Depois, internamente fizemos enormes alterações. De forma que o hotel, hoje, é outro", diz.

Outro ponto delicado foi a gestão de pessoas. "Tínhamos dificuldade com relação à situação trabalhista, que era muito complicada. Havia muitos funcionários que tinham estabilidade de emprego porque não eram optantes do Fundo de Garantia, eram funcionários que 'pré-datavam a própria existência'. Pela lei antiga, a pessoa quando completava 10 anos de serviço ganhava estabilidade. Tínhamos muitos funcionários nessa situação, um tremendo passivo trabalhista. Precisávamos resolver para renovar o quadro do hotel. A necessidade de se fazer uma grande reforma trabalhista foi algo que ocupou a gente nos primeiros anos de vida", recorda.

"Tenho uma casa em Nogueira, nos fins de semana é para lá que eu vou. Gosto de jogar golfe também. Meu lazer de esporte é o golfe e o Flamengo"

a virada

Nestes 20 anos de gestão de Carruthers, foram muitas dificuldades, sim. "Sofremos pesadas perdas operacionais, tínhamos prejuízos contínuos na operação do hotel. A partir de 1996, começamos a sair do vermelho. De 1997 em diante passamos a gerar lucro operacional. De lá para cá viemos numa ascensão boa, tanto que hoje estamos vindo de 10,12 anos seguidos de bons resultados. E o hotel já se posiciona, há algum tempo, entre os dois ou três mais rentáveis do Grupo Oriente Express. O grupo hoje tem 51 hotéis e três navios." E o que estava bom, melhorou. A expectativa é novo recorde de gestão neste ano. "Em 2009 seremos o mais rentável do grupo em termos de resultado. Já em termos de qualidade de serviço, temos auditorias internas, severas inspeções feitas por inspetores anônimos que se hospedam no hotel e avaliam mais de 1.500 itens relacionados à estada", explica. Nesse quesito, o Copa também faz bonito: está sempre num patamar superior. Por essas e outras, o Copa é considerado um modelo para o Grupo Orient Express. "O Copa não é mais um hotel, é um dos mais importantes hotéis do Grupo Orient Express. O grupo tem quatro ícones mundiais de hotelaria, um deles é o Copacabana Palace", gaba-se.

Mas, diferentemente do que se imagina, o negócio nunca aparentou ser o sucesso inquestionável que hoje se configura." À época da compra, poucas pessoas acreditavam que o investimento seria bem-sucedido. Não havia outros compradores potenciais tamanho o descrédito. O Copa era tido como um investimento de altíssimo risco. Havia quem pensasse que a aquisição poderia até mesmo afundar o Grupo Orient Express. Em 1989, o sucesso não era tão óbvio", recorda. De lá para cá, muita água passou por debaixo da ponte.

olimpíadas e visão do futuro

"Estamos extremamente otimistas com nossas perspectivas. E a indicação do Rio para sediar os Jogos Olímpicos de 2016 é um momento histórico para a cidade e nós acreditamos que trará enormes benefícios para os cariocas e para o Rio. O turismo, indiscutivelmente será beneficiado. Essa melhoria começou no momento do anúncio do Rio como cidade-sede. A autoestima carioca foi às alturas."

E o Copa se orgulha de ter dado uma forcinha a essa vitória. "O Copacabana Palace está muito ligado a essa conquista, desde o começo da candidatura. Posso até dizer que tivemos uma participação na conquista, pois a comitiva do Comitê Olímpico Internacional se hospedou aqui, em abril, durante as inspeções. Aconteceram reuniões do Comitê Brasileiro com as delegações aqui no Copa também. Antes disso, nós fomos o primeiro hotel que assinou contrato com o Comitê Olímpico Brasileiro para ceder os apartamentos com preços muito abaixo do habitual para a realização dos Jogos Olímpicos. Não estamos querendo ganhar dinheiro durante as três semanas de Olimpíadas. O ganho vai ser por tudo que vai acontecer, na divulgação da marca 'Rio'", ensina.

o hóspede mais exigente

Diariamente, Carruthers vive o sonho de muitas pessoas mundo afora: hospeda-se (ou mora, em seu caso) no Copacabana Palace." É muito bacana morar no Copa, tem toda a mordomia que o hotel oferece", diverte-se. O.k., ele mora no trabalho, e certamente é o hóspede mais exigente do Copa. Mas, e para descansar? "Tenho uma casa em Nogueira, nos fins de semana é para lá que eu vou. Gosto de jogar golfe também. Meu lazer de esporte é o golfe e o Flamengo", diz, como todo bom torcedor rubro-negro.

Os sete trabalhos de Bianca

por Monica Ramalho

Bianca Ramoneda joga nas onze. É atriz, poeta e escritora. É também apresentadora do programa 'Starte', exibido na Globo News. Tem mais: Bianca Ramoneda já fez música com Pedro Luís e assina a direção cênica do show da mulher dele, a cantora Roberta Sá. Mas, por favor, ela detesta ser chamada de multimídia ("dá uma sensação de imagens piscando ou parece que a pessoa quer estar ao mesmo tempo em tudo quanto é lugar"). Tá bom, Bianca. Mas quem mandou ser tão polivalente?

Portanto, cuidado para não resumir as muitas vertentes profissionais da moça usando essa palavra quando estiver com ela — porque, além de tudo, Bianca é uma simpatia só, acessível à prosa e ao abraço. Abre o maior sorrisão para os atendentes da lanchonete Talho Capixaba, no Leblon (chama cada um pelo nome), e é amiga da celebridade ao jornaleiro, do mecenas ao artesão. Diz que é a sua herança tijucana, a mesma que entrou em choque quando ela se mudou para a Zona Sul e cruzou com Chico Buarque no caixa do supermercado.

"Quando me perguntavam 'o que você faz?', eu respirava fundo antes de tentar explicar. Hoje respondo: gosto de contar histórias e de diferentes maneiras. Se me largarem no deserto no meio do areal, vou fazer um montinho, subir nele e contar uma história", resume, com muita graça. "Sempre foi uma característica minha esse não lugar. E sempre foi muito difícil para mim ter isso entendido pelos outros. De um tempo para cá, deixei de me preocupar", avalia, contando que quando foi fazer televisão complicou ainda mais. "Antes, só era esquisito para as pessoas do teatro e da poesia. Quando entrei para o jornalismo, eu também vinha de outro lugar." Digamos que, em cada meio, Bianca é um ser de outro meio. "E eu tinha esse sentimento de não pertencimento em todas as áreas em que me aventurava. Isso para mim não era um problema, ao contrário, era a minha forma de trabalhar, mas sentia que era difícil para os outros integrarem a visão a respeito disso. E passei anos refletindo em como resolver, mas agora acho que não preciso mais."

Bianca entrou para o teatro amador aos 15 anos. Aprendeu o básico do básico e foi estudar na Casa das Artes de Laranjeiras (CAL).

Quando passou no vestibular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) para Comunicação Social, os horários coincidiram. Aos 18 anos, foi obrigada a trancar a matrícula da CAL para fazer a faculdade. Inquieta, buscou outros cursos teatrais. Numa dessas, entrou na equipe do diretor Eduardo Wotzik. "Eu vinha de uma escola de teatro e passei a trabalhar em teatro. Ou seja, passei a ter outra relação com ele. Descobri como era um ensaio, o que faz um produtor. E você ser um bicho de teatro é outra coisa: tem que saber atuar, iluminar, escrever. Acabou que o meu sofrimento de ter de abandonar a CAL no último ano foi substituído pela melhor coisa que poderia ter me acontecido: a prática teatral."

Circulando pela cidade a bordo das artes, Bianca conseguiu uma vaga para estagiar na Rede Manchete, da família Bloch. Era o sonho de qualquer estudante de jornalismo, mas, entre pautas com as quais não se identificava, descobriu que aquilo ali não era a sua praia. "Nessa época, conheci a Alice-Maria. Eu era muito nova e detestei cobrir as notícias factuais. No fim das contas, depois de cerca de um ano de estágio, em 1991, quebrei o pé e não apareci mais. Pensei que nunca na minha vida conseguiria outro emprego como jornalista e fiquei com tanta vergonha da Alice-Maria que tinha medo de encontrar com ela na rua." E seis anos se passaram.

'Só' concorreu a prêmio e virou peça de teatro

Aos 25 anos, Bianca Ramoneda lançou uma obra apaixonante, 'Só' (1997). O livro, uma produção independente, foi indicado ao Prêmio Nestlé de Literatura. Por conta desses acasos da vida, a Globo News pautou uma entrevista com a autora. Bianca aproveitou a deixa e mandou um exemplar autografado para a Alice-Maria, agradecendo pela oportunidade que tinha recebido, no passado, de descobrir o que não queria ser. 'Só' não foi premiado, mas ganhou algo ainda melhor: um contrato com a Editora Rocco. "Lembro direitinho quando peguei os mil livros, antes da indicação para o prêmio. Levei tudo para a casa da minha mãe e pensei: ainda bem que não estraga como leite. Vou precisar de dois mil olhos para ler isso tudo!" Em quatro meses, não havia mais nenhum para vender. Bianca fez o livro porque queria levantar um troco nas esquetes do teatro e vibrou com a possibilidade de ganhar o prêmio, porque assim poderia financiar a peça baseada na obra.

Ela estava disposta a fazer essa montagem de qualquer maneira. No entanto, aconteceu algo maravilhoso. Na festa de aniversário de Cristiana Oliveira, Bianca foi dar um beijo na atriz

> "A poesia é um trabalho de construção real, é arquitetura da palavra. Posso gastar um ano com um poema. É um jogo de precisão de palavras e ninguém mais pode mexer

e ganhou um cheque de R$ 13 mil para realizar seu projeto. "Eu tinha R$ 2 mil e fiz a peça com esses R$ 15 mil, o que era uma fortuna para mim. O cenário era uma lata de lixo, um tonel que roubei na rua (risos). Uma amiga fotógrafa, Débora 70, fez o cenário todo com projeções de slides. A gente projetava coisas no figurino do Miguel Paiva. Detalhe: tudo na amizade. Tinha um fundo preto e outro branco. O espetáculo durava 50 minutos. Era simples e preciso." Os textos já eram conhecidos por quem frequentava o circuito alternativo. Bianca era uma das poetas da primeira geração do CEP 20.000, idealizado por Chacal. "A poesia foi minha segunda virada. Saí do mundo organizado do teatro e caí num lugar no qual você não precisa ensaiar seis meses para se apresentar. Pelo contrário, a ideia de hoje é a sua cena de amanhã. Ganhei

fluência, velocidade, flexibilidade e menos senso crítico."

'Só in cena' reuniu a base teatral com a experimentação do CEP 20.000 e estreou às terças na Casa da Gávea. Bianca não se importou com o dia da semana porque era — e sabia que era — uma mera desconhecida. Com o sucesso de público, conquistado na base da propaganda mais eficaz do planeta, o famoso boca a boca, o espetáculo ocupou mais um dia na grade semanal e pôde ser conferido às terças e quartas. "Eu pensava que a minha única chance de dar certo era ser cult. Depois fui para São Paulo. E aí aconteceu uma coisa interessantíssima: inscrevi a peça num edital no Centro Cultural São Paulo e outro no Rio, na Laura Alvim. Eu achava que se rolasse um dos dois ser-ia sorte. Só que entraram os dois. Então, fiz em São Paulo nas terças, quartas e quintas; e no Rio, sextas, sábados e domingos. Consegui fazer, de uma maneira irônica, o que era comum no teatro antigo: ficar em cartaz de terça a domingo com a mesma peça e em estados diferentes."

'Starte', a especialização em arte contemporânea

Na ocasião, um Globo Ciência foi todo pontuado pelas questões juvenis que a autora abordava na peça. Adivinha quem assistiu ao programa e se encantou? Alice-Maria. Não demorou muito para Bianca receber uma ligação que mudaria tudo outra vez. "Ela me falou do 'Starte' e pensei: 'mas não é possível! Escrevi na dedicatória do livro que não gostava daquilo, como é que ela está me chamando?'. Bem, fui lá conversar e adorei a proposta. Eu só falaria de arte. Topei fazer, mas fiquei superinsegura porque eu era muito alternativa e tive que derrubar preconceitos, a começar pelos meus."

Quero ouvir pessoas que não são ouvidas e aqueles que acho que têm muito a dizer. E, de um modo geral, acho que todo mundo tem algo interessante para dizer"

Ela se perguntava, tensa: 'Será que vou ter que me maquiar? Será que vão pentear o meu cabelo? E os meus amigos poetas vão achar o quê?' No fim, o que era medo se transformou em patrimônio. "O legal é você descobrir como se arrumar para você ficar parecida com você mesma, não para virar outra pessoa. Isso foi a televisão que me ensinou."

Aos poucos, o 'Starte' encontrou a sua identidade e deu certíssimo. "Enquanto eu também me construía, o programa foi literalmente construído. E virei gente grande, o que traz uma série de outros problemas (risos)". Um deles: é impossível varar a madrugada escrevendo e gravar com a cara no vídeo de manhã. "A única coisa que me angustia é o raio do tempo. São atividades que exigem dedicação, consomem energia e requerem mergulhos de naturezas distintas. A questão é como você equilibra, mas isso também acontece de forma orgânica porque a gente não decide as coisas com a mente. É a necessidade de dizer que depois encontra o veículo para dizer: podem ser as palavras, o teatro, contar uma história pela televisão. O movimento é de dentro pra fora e o processo criativo vai achando as suas formas de expressão visíveis para os outros. E acho que hoje é isso o que tenho de melhor."

Com as entrevistas diárias na última década, Bianca Ramoneda fez o que considera uma espécie de pós-graduação em arte contemporânea. Ouviu, na prática, os grandes artistas do país inteiro. "E como teria sido idiota se tivesse me cerceado e escolhido um único canal de expressão! O mundo acabou caminhando para esse lugar variado e eu teria perdido o melhor da festa." Na televisão, Bianca também aprendeu que as pessoas podem — e devem! — mexer nos textos das outras. "A poesia é um trabalho de construção real, é arquitetura da palavra. Posso gastar um ano com um poema. É um jogo de precisão de palavras e ninguém mais pode mexer. Já o texto de televisão não é um poema. As naturezas das coisas não são competitivas, mas distintas. Quando fiz a peça 'O que eu gostaria de dizer', em 2008, aconteceu a mesma coisa. Éramos quatro escrevendo, testando, mudando e jogando fora. O importante é conseguir entender a natureza de cada trabalho". A peça foi escrita a oito mãos, por ela, Luiz Melo, Marcio Vito e pelo diretor do projeto, Marcio Abreu. O roteiro também contava com textos do poeta português Gonçalo Tavares.

A natureza do trabalho de direção de show, por exemplo, foi outro aprendizado adquirido na prática. Bianca dirigiu Roberta Sá junto com o músico Pedro Luís (a parte artística quem cuida é a própria Roberta com o empresário, João Mário Linhares, do selo MP,B). "As coisas foram crescendo no ritmo da carreira dela. Roberta foi ganhando experiência de palco e destreza para lidar com a plateia. Quando assisti ao DVD 'Pra se ter alegria' pela primeira vez, percebi que agora ela não precisa mais de mim. E isso é outro patrimônio." Com Pedro, a quem considera um irmão, Bianca compôs "Batalha naval". Recentemente, o artista lançou um livro de poemas inspirado no disco 'Olho de Peixe', clássico de Lenine e Marcos Suzano, com posfácio da Bianca. "É ele quem faz as trilhas de todas as minhas peças. Lancei um slogan: 'amigo é castigo'. Pedro é obrigado a fazer essas trilhas (risos)."

Depois de ler tanta coisa sobre a filha da brasileira Maria Regina e do espanhol Pedro Ramoneda, parece engraçado saber que Bianca só estreou na teledramaturgia em 2009. Atuou no primeiro capítulo da novela 'Viver a vida', a convite de Manoel Carlos e Jayme Monjardim, na Rede Globo. "O fato de nunca ter feito novela

foi um desafio porque era mais uma forma de contar uma história. Só que, desta vez, a história havia sido escrita por outra pessoa. Foi muito bom. Contracenei com atores muito experientes." O papel era de uma jornalista chamada Cláudia, que tinha um programa de moda na televisão dentro da novela. "Foi curioso, porque eu fiz o que faço, mas, ao mesmo tempo, não é a minha realidade, porque eu não era aquela pessoa." Mais um ponto para a versatilidade da atriz-poeta-diretora-apresentadora-roteirista-etcétera-e-tal.

O mecanismo vai se repetir, mas as mensagens serão únicas

Para 2010, Bianca Ramoneda está preparando um espetáculo inovador. É uma performance feita a partir de depoimentos. Bianca pergunta: 'O que você gostaria que estivesse contido na sua caixa preta?' e a pessoa responde num arquivo de áudio. Ela vai abrir essa "caixa preta" juntamente com a plateia. "O esquema é que a pessoa vai contar no meu ouvido, através do ponto eletrônico, e eu vou transmitir quase em tempo real para o público. Então, eu serei essa pessoa e só revelarei a identidade dela no final. Não decoro texto nenhum, mas construo uma personagem." Ao mesmo tempo, todo mundo sabe desde o início que a história não é dela.

Bianca diz que o maior desafio é fazer o público entrar nesse jogo de cena. "Vou contar as histórias com as mesmas palavras e, em seguida, disponibilizar o áudio original. Mas o rosto sempre será o meu." Os ensaios já começaram e, com o recurso da internet, Bianca espera receber histórias do mundo inteiro. Todo esse material estará disponível no endereço: http://cenacaixapreta.blogspot.com. "É como se eu fosse uma mensagem na garrafa e, ao contar a história, também fosse a garrafa. O mecanismo vai se repetir, mas as mensagens serão únicas. Acho que vai ser um projeto para eu envelhecer com ele. Quero ouvir pessoas que não são ouvidas e aqueles que acho que têm muito a dizer. E, de um modo geral, acho que todo mundo tem algo interessante para dizer."

1º Fórum
de novas energias

A natureza oferece os recursos. Você acende as oportunidades.

Ex-ministros, presidentes de grandes companhias, acadêmicos e autoridades do setor se encontrarão para discutir ideias e soluções para o desenvolvimento e diversificação da matriz energética brasileira.
A Insight tem o prazer de convidá-lo para este grande evento.

Local: Sede do Grupo Sistema Educacional Brasileiro Rua Vergueiro, 1.737 – Vila Mariana – São Paulo, SP
Data: 3 de fevereiro de 2010 **Horário:** De 9h às 18h

Favor confirmar presença até o dia 15 janeiro de 2010,
com Sacha Gilbert, pelo telefone 21 8459-6281 ou 21 3936-0017 (sacha@insightnet.com.br)
Para mais informações, www.forumdenovasenergias.com.br

Transmissão pelo Grupo COC através do site www.estudeadistancia.com

Insight 25 Anos

Oásis das Laranjeiras

ensaio fotográfico de **MARCELO CARNAVAL**

O poeta da terra do nunca

por Monica Ramalho

Geraldinho Carneiro lembra o som do violoncelo. Algo entre o hermético e o esfuziante, o atonal e o lírico. Sua musicalidade é de uma poesia de acordes entre o mavioso e o rascante. Peter Pan sartreano, Geraldinho rima com Geraldinho que rima com Geraldinho, motocontínuo que move uma barca do sol sob o asfalto das ruas. Palavras do bardo: "Estou vivendo mudanças muito interessantes. Venho trocando, por exemplo, de plumagem poética. Quando achei que fosse me tornar um poeta maduro, virei um criador juvenil".
Ô Geraldinho, será que um dia você vai parecer mais velho na vida?

Geraldinho conta que o primeiro crítico do livro foi o filho dele mais novo, Antônio Pedro, de 12 anos. O garoto ditou as regras: só interessam poemas rimados e com métrica. O pai fez esforços no sentido de se adaptar às exigências do moleque, mas jura que não seguiu à risca — ou não seria Geraldo Carneiro e sua bagunça convicta. Já deu partida a um segundo título infantil para a mesma editora. "Adoro não pensar na vida porque canso bastante de mim. Por sorte, tenho muitos heterônimos e vou pulando de galho em galho. E, felizmente, sofro de desordem da personalidade múltipla e escapo do tédio sendo outros. Tenho vários poemas que falam sobre isso no 'Balada do impostor', de 2006".

Estudando proposta do Instituto Cravo Albin para comandar em 2010 um Sarau Poético do recém-inaugurado salão de música na Urca, Geraldo é dono de uma escrita completamente carioca e se prepara para relançar em 2010 uma compilação de todos os seus livros de poesia e um inédito. Também está fazendo um documentário sobre carnaval e escrevendo o que ele chama de duas tentativas de ópera: uma com o maestro John Neschling em cima da obra 'Por mares nunca Dantes' (Objetiva, 2000) e outra com o pianista André Mehmari, sobre Maria Bonita. Será uma ópera bem contemporânea, inspirada em Gertrude Stein, escritora inglesa que adora. Ele ensina qualquer um a ler Stein ou Guimarães Rosa ou James Joyce, autores considerados difíceis. Deve-se experimentar por determinado livro até chegar aos

mais complexos. Geraldinho sabe tudo.

No mais, é um cara que não tem do que se queixar. Adora a vida que leva e afirma não prestar atenção demais em si próprio. Nessa altura, pega o violão e canta com charme a primeira parte de "Rugas", clássico de Nelson Cavaquinho. Diz a letra: "Se eu for pensar muito na vida/ Morro cedo, amor/ Meu peito é forte/ Nele tenho acumulado tanta dor/ As rugas fizeram residência no meu rosto/ Não choro pra ninguém/ Me ver sofrer de desgosto". Geraldo nasceu em Minas Gerais e veio para o Rio de Janeiro em 1955, trazido pelas ondas do emprego novo do pai, Geraldo Andrade Carneiro, então secretário do presidente Juscelino Kubitschek.

"Eu tinha 3 anos quando nos mudamos para Copacabana, que era o centro do Brasil e também o centro do meu mundo. Aqueles edifícios, o trânsito fluido, era um bairro bonito. Continuo achando tudo lindo. Aliás, não tenho saudosismo nenhum, mas aquele foi um período esplendoroso da História do Rio. Todo mundo que viveu fala dele com uma certa nostalgia". Geraldinho lembra que a cidade tinha um milhão e meio de habitantes, um número bem razoável, e que havia pobreza, mas sem a miséria gritante na qual tropeçamos hoje e, sobretudo, nem de longe a diversidade social escandalosa dos dias atuais.

Ele recorda que, naquele tempo, a cultura era mais homogênea e havia um interesse da Zona Norte pela Zona Sul. "Havia também um fascínio da Zona Sul pela valorização da cultura do morro carioca. Aqueles grandes craques do samba, que estavam na obscuridade, ressurgiram, e o samba voltou com força total no final dos anos 50". Os pais abriam as portas da residência para integrar os artista da época. "A nossa casa era uma espécie de sucursal lítero-musical do governo JK. Muita gente nos frequentava para conversar, tocar, cantar e beber, como Silvio Caldas e Jacob do Bandolim". Festas glamourosas.

Cartola esteve no endereço algumas vezes e Paulo Mendes Campos batia ponto, tão amigo que era do secretário. Fernando Sabino era constantemente recebido na moradia dos Carneiro. "Formavam um clubinho interessan-

"Por ser uma cidade à beira-mar, aqui sempre existiu espaço para as diferenças, o que é magnífico. Claro que diferenças submetidas a certas normas de bom convívio e de humor. Talvez essa seja uma das marcas fundamentais do carioca. Mesmo porque se não tiver humor no Rio de Janeiro você está liquidado"

te, com pessoas notáveis pela excentricidade. Tinha um, por exemplo, que era o único a dizer palavrão em público. Você lê as peças do Nelson Rodrigues, do Vianninha: não tem palavrão. Esse homem era o Noel Nutels, um higienista que vivia na selva e não tinha o compromisso de se comportar bem. A festa toda ficava encantada com aquele homem. Anos depois, quem deu outro status ao palavrão foi Leila Diniz", reconstitui, avisando que palavrão é uma aquisição dos anos 60.

"Por ser uma cidade à beira-mar, aqui sempre existiu espaço para as diferenças, o que é magnífico. Claro que diferenças submetidas a certas normas de bom convívio e de humor. Talvez esse seja uma das marcas fundamentais do carioca. Mesmo porque se não tiver humor no Rio de Janeiro você está liquidado (risos)". Geraldinho é figurinha fácil no subúrbio carioca e conhece episódios do arco da velha. Sabe quem fez o loteamento de Vila Isabel? O Barão de Drummond, outro mineiro. "Ele era tão esperto que colocou o nome de Vila Isabel para que Isabel, a princesa, autorizasse o loteamento.

> "Tem sempre uma elite que vive nas nuvens, e Bilac fez parte desse time, e há também aquele pessoal que extrai alegria do cotidiano. O samba talvez seja o exemplo mais acabado dessa capacidade de inventar sorriso da adversidade"

Em seguida, inventou o jogo do bicho. O bairro já começa assim e, depois, sofre um fenômeno de urbanização muito curioso. É a primeira vez que um lugar do subúrbio recebe um Boulevard, por imitação dos boulevares parisienses".

E a prosa escorrega para a reforma urbana do prefeito Pereira Passos, nos primeiros anos do século passado. "Em nome da higienização da cidade, ele fez um monte de besteiras, mas limpou de fato a cidade. A pretexto de limpar, expulsou os negros e os pobres da região central. O grande ideólogo do governo Pereira Passos foi o poeta Olavo Bilac, que, entre outras sandices, recomendou ao prefeito que importasse pardais. Então, esse pássaro predador que mata todos os outros pássaros foi trazido de Paris graças à ideia brilhante de Olavo Bilac (risos)". Apesar de ter feito alguns poemas admiráveis, Bilac foi também o responsável pelo serviço militar obrigatório.

O Rio é, sem dúvida, um território de contrastes. "Tem sempre uma elite que vive nas nuvens, e Bilac fez parte desse time, e há também aquele pessoal que extrai alegria do cotidiano. O samba, talvez, seja o exemplo mais acabado dessa capacidade de inventar sorriso da adversidade". Ele comenta que tem uma ideia de um espetáculo, chamado Mulheres de Deus, no qual faria o encontro de quatro mulheres do samba com duas mulheres escravas que foram trazidas da Guerra de Tróia. "O Rio de Janeiro é uma cidade tão exuberante que a gente pensa pouco na gente. Fica todo mundo com a cabeça nas sandálias Havaianas, na bermuda, no corpinho na praia. A minha praia, ultimamente, é imaginária."

O poeta diz que vai ao Arpoador a cada cinco anos e, na última vez, quase acabaram com o seu mito de praia espetacular. "Ouvi uns tiros e vieram uns quatro PMs do outro lado das pedras com os revólveres fumengantes. Dei um surto de cidadania e perguntei: 'o que vocês estavam fazendo lá?'. Eram cinco da manhã. E eles responderam: 'estávamos praticando tiro ao alvo'. Aceitei aquela versão, mas fiquei com a impressão de que poderiam estar fazendo tiro ao alvo em alguém. Mas o meu Arpoador continua intocado, assim como a minha Lapa no Democráticos. No fundo, a gente mitifica o Rio de Janeiro".

Em 1974, foi fazer um trabalho em Roma com o argentino Astor Piazzolla. Era tudo ótimo, os programas eram bons, mas ele ficava num banzo inacreditável. "Parecia um congolês aprisionado na Austrália. Piazzolla me mostrava o Coliseu e outros cartões-postais lindos, eu olhava e dizia: 'Bom é o Diagonal'. Meses depois, ele veio fazer uns shows aqui e no aeroporto me pediu para conhecer o Diagonal, um bar sujo, cheio de baratas passando e com um monte de espadas de São Jorge na decoração. Era horrível (risos)". Intelectualíssimo, mas nem um pouco metido a besta, Geraldinho explica que os os italianos não têm plural para a palavra cidade. "Cada um só tem a sua cidade. Engraçado como tem uma cidade

que toma conta do coração e da imaginação da gente. Eu chego em Paris e começo a fazer associações. 'Isso parece a Praça Mauá, aquilo ali é meio Avenida Brasil' (risos)".

Diz que o carioca mais carioca que conhece é o filho Joaquim Pedro, que morou 14 anos na Itália e cinco anos na Inglaterra. No carnaval, ele vai a quatro blocos por dia. Torcedor do Fluminense, vive no Maracanã e, quando está de folga na Rede Globo (é assistente de direção da novela das seis, 'Cama de gato'), larga o corpo nas areias do Leblon. "Joaquim é um carioca anedótico. Conhece todos os botequins e as minúcias da cidade onde mora há cerca de cinco anos. É um cara meio erudito do batuque e está fazendo um longa sobre o Trem do Samba". O filho menor também foi contaminado pelo micróbio do samba, como se dizia no tempo de Carmen Miranda, e fica doido quando ouve um tamborim.

Falamos do Leblon linhas acima e esse foi um bairro, aliás, onde Geraldinho morou na adolescência. "Minha mãe ficou desapontada porque ela gostava dos 300 mil habitantes de Copacabana e achou aquilo um pouco deserto". Havia muitas casas, muito verde e gringos aos borbotões. "Fiquei ali alguns anos e depois vim para o Jardim Botânico e me apaixonei para sempre. Tenho mil poemas sobre o bairro e só penso nele. Aqui passou a ser a minha pátria amada idolatrada". Na juventude, Geraldinho morou na Gávea e estudou na Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio). "Passava uma autoestrada na porta da minha casa e a PUC fazia manifestação contra a autoestrada porque achava que era coisa da ditadura. Caramba, o que tinha a ver? Autoestrada é autoestrada" (risos gerais).

Os anos de PUC foram sensacionais, pelo menos na memória do artista. "Todo mundo drogado, adepto do suposto amor livre, embora o amor nunca tenha sido livre. Nelson Rodrigues foi o único que percebeu isso no livro chamado, sintomaticamente, 'O reacionário', que publicou em 1968. Enquanto apregoávamos a dominância e a hegemonia do amor livre, ele dizia 'Sexo é coisa de cachorro vadio'. O ser humano ama e se aprisiona". Era o tempo do culto às liberdades individuais. Das quatro meninas da turma de Geraldinho, três levaram esses debates a sério e se mataram, entre elas a poeta Ana Cristina César. E havia professores iconoclastas, como o também poeta Cacaso e o escritor Silviano Santiago.

Por falar em imagem, Geraldinho Carneiro é ligadíssimo em moda feminina. "Gosto da moda nos outros, não em mim. Nunca troquei de roupa nem de cabelo". Ele diz que não é mais o modelo da dissipação total de antigamente. Faz pilates, come arroz integral e detesta calmaria. Esses detalhes a gente vai pescando ao longo da conversa, que dura uma tarde inteira sem perder o ritmo e com direito a gargalhadas, dessas que fazem a vida valer a pena. "Estou fazendo uns dez trabalhos ao mesmo tempo. Todos deliciosos. Quando estou só com dois ou três, fico entediado e quando preciso dar conta de apenas um, acho um horror". Para continuar vasculhando o universo do artista, visite em doses generosas o site www.geraldocarneiro.com.

Bebop no meu samba

POR MÔNICA SINELLI *

Nossa viagem começa por Dallas (EUA), passa pela França, Paris, Bahia, Argentina e Paraná, até chegar aos costados do Rio de Janeiro. A sonora e esfuziante mistura de chiclete com banana, a partir da cidade norte-americana em que cresceu o músico andarilho, daria mesmo um emocionante seriado. Carioquice celebra aqui 100 anos de Booker Pittman.

1957. Louis Armstrong ia se apresentar no Teatro Paramount (hoje Abril), em São Paulo. Ofélia, que andava estremecida com o marido, e sua filha de 10 anos estão na plateia. Ao ser anunciada a participação de Booker Pittman, a cabeleireira e costureira é pura apreensão. Afinal, o saxofonista americano havia saído numa reportagem da revista O Cruzeiro com uma aparência devastada pela cocaína. "Como ele vai tocar? — angustiou-se. E não é que Buca (apelido colocado por Pixinguinha) entrou e... arrebentou? No final, a dama vai ao camarim. "Não fala enrolado comigo porque sei que você esteve no Paraná e sabe português", avisou ao instrumentista gringo. Logo, os dois iriam morar juntos. E Booker forneceria o novo sobrenome da pequena Eliana Leite da Silva que, em novembro passado, organizou uma palestra musical na loja Modern Sound, em Copacabana, para lembrar os 100 anos — e 40 de falecimento — do homem responsável por torná-la cantora.

Com a colaboração de Estevão Hermann, um dos maiores especialistas em jazz do Brasil, que conheceu Buca no Rio e detém um amplo material fotográfico sobre ele, Eliana Pittman organizou um evento para recontar a trajetória do artista. E que será reapresentado no Instituto Cultural Cravo Albim (ICCA), na Urca. Devido aos incêndios nas TVs Tupi e Excelsior, os registros audiovisuais do saxofonista, praticamente, desapareceram. Já no início da década de 30, Booker — de uma família tradicional de Dallas, tendo seu avô fundado a primeira universidade para negros dos EUA — frequentava o cenário jazzístico de Kansas City.

Como integrante da *big band* de Lucky Millinder, embarcou para a realização de espetáculos em Paris, onde permaneceu por quatro anos. Nesse período, travou contato com o músico carioca Romeu Silva, que o trouxe em uma excursão para a Bahia, em 1935, com passagem pelo Rio de Janeiro. O espírito nômade seguiria para Buenos Aires, São Paulo e Londrina. Com a explosão cafeeira, a cidade boêmia ao norte do Paraná efervescia em atividades culturais diversificadas,

e Booker batia o ponto trabalhando nas boates locais. O vício ia corroendo sua saúde e a grana. Consta que chegou a pintar as paredes de um prostíbulo, quando decidiu voltar ao Rio. Não sem antes dar uma passadinha em Sampa, onde fez a participação — escrita nas estrelas — no show do *brother* Satchmo (Armstrong).

What a wonderful world

Com mulher e filha importadas da capital paulista, Booker volta ao Rio. E, também, aos velhos tempos de bonança. A bossa nova explodia e não foi difícil se enturmar no meio, chegando à principal atração da parte internacional de espetáculos da boate do Hotel Plaza, onde um tal de Roberto Carlos aquecia o público no bloco inicial. "Ele ensaiava em casa, tocava o disco da Ella Fitzgerald e eu cantava junto", lembra Eliana, nascida em 14 de agosto de 1945 no bairro carioca de Botafogo, e que deflagrou sua carreira de *show woman* aos 15 anos, ao lado de Buca, num programa da TV Rio. "A embaixada americana, na Rua São Clemente, ia receber um evento com a banda dos fuzileiros navais, que vinha dos Estados Unidos. O então embaixador pediu ao meu pai que trouxesse uma pessoa bacana para cantar. Havia uma cantora que o acompanhava na época, mas que costumava armar barraco, e ele não quis arriscar. Resolveu, então, me ensaiar para interpretar a música "Mama don´t want no music play here", de sua autoria. Acontece que o avião que transportava a banda caiu na Baía de Guanabara, matando todos os músicos, e não teve a festa. Como eu estava ensaiada e ele participaria de um programa na TV Rio, chamou-me para cantar junto. A secretária do Cesar de Alencar me viu e convidou para me apresentar no programa dele, no sábado seguinte. Estreiei no auditório da Rádio Nacional em abril de 1961, apavorada. E não parei mais."

"Meu pai tinha um bordão: Buca, saxofone; Eliana, microfone; Ofélia, telefone", brinca a cantora, imitando o sotaque americano

Melhor dizendo, os Pittman não pararam mais, com Ofélia empresariando os dois artistas da família. "Meu pai tinha um bordão: Buca, saxofone; Eliana, microfone; Ofélia, telefone", brinca a cantora, imitando o sotaque americano. Naquele mesmo ano, foram para a Argentina, depois Alemanha, França e Estados Unidos, onde realizariam um show e ficaram por dois anos, rodando de costa a costa. Eliana fez cursos com mestres do *show business* como Fred Steal, professor de empostação de voz de Barbra Streisand, e aparições na televisão com Jack Parr, um dos maiores apresentadores da National Broadcasting Company (NBC). Por intermédio deste, foi contratada pela agência William Morris. A bossa nova fervilhava no Brasil e ela já havia gravado, com Booker, um dos primeiros discos do sofisticado balanço (New Sound Brazil Bossa Nova).

Até que, na volta ao país, em 1967, Booker descobriu que estava com câncer na laringe. Nunca mais voltaria a tocar. E Eliana também cogitou abandonar os refletores. Por insistência dele próprio, que viria a falecer em 1969, decidiu ir em frente. "Foi a única coisa que lhe ensinei, e se você parar de cantar, quem vai sustentar a

casa?", argumentou para Eliana, que pensava em ser diplomata. "Gravei o samba "Tristeza" (Haroldo Lobo e Niltinho) e o LP "É Preciso Cantar". Nesse ano, Aurimar Rocha, dono do Teatro de Bolso, no Leblon, me convidou para uma apresentação de uma semana, quando Juca Chaves, que estava em cartaz, precisaria se ausentar. Eu respondi que não sabia como fazer para cantar sozinha, sem meu pai. Acabei ficando lá durante quase seis meses."

Rainha do carimbó

Em seguida, partiu para uma temporada de dois anos na Europa, atuando na França, Alemanha, Suécia, Espanha, Itália e Portugal, além de turnês pelos EUA e América Latina. Na volta definitiva ao Brasil, foi a escolhida para homenagear

"Foi a única coisa que lhe ensinei, e se você parar de cantar, quem vai sustentar a casa?", argumentou Booker para Eliana

"Ele me fez como mulher, como artista, me deu um nome, uma formação, uma carreira"

a rainha Elizabeth II, em visita ao país. Estrelou um programa na TV Excelsior (Eliana Super Bacana) e participou como atriz na produção cinematográfica norte-americana "Capitães de Areia" e no filme espanhol "A Menor". Inaugurou o Hotel Nacional do Rio com o show "Brazilian Follies" e foi uma das pioneiras na exploração de ritmos da tradição popular nortista. Com o grande sucesso "Mistura de Carimbó", sacudiu os fãs, na década de 70, muito antes das ondas de lambada, axé e forró, o que lhe valeu o título de rainha desse gênero musical de origem negra, surgido no Pará.

Em homenagem à mãe, falecida em 2000, ela lançou, três anos depois, o CD "Minhas Novas Influências", trazendo a proposta de fundir clássicos da MPB com as batidas de ritmos atuais, como hip hop, funk, house e charm.

No momento, após uma longa temporada de três anos com "7 – O musical "(espetáculo de Charles Möeller e Claudio Botelho, com trilha composta por Ed Motta), toma aulas de trombone de vara, instrumento tocado por sua personagem em "Tempos Modernos", próxima novela das 19h da TV Globo. Eliana arremata a conversa, na sua cobertura em Copacabana, enfatizando a importância do velho Buca. "Ele me fez como mulher, como artista, me deu um nome, uma formação, uma carreira", emociona-se. Vai, que esse mar é seu, leonina.

a revelação do escondidinho

por **vera de souza**

Em uma transversal à Rua Primeiro de Março, logo depois da Igreja do Carmo, está o Beco dos Barbeiros, local onde o tempo parece ter parado com seus lajedos de cantaria no pavimento. O beco, que nasceu na época da Inconfidência, recebeu seu nome por abrigar os profissionais da tesoura e da navalha. Lá, hoje, labutam especialistas do forno e do fogão, artesões da melhor gastronomia da cidade. Quem conhece os quitutes daquele lugar guarda o segredo para si, bem escondidinho.

CORDÕES
E CARTÕES
CHAVEIRO
Restaurante Escondidinho
Desde 1957

Muito tempo se passou e, no início dos anos 1940, os barbeiros foram deixando o lugar. Em 1947, no local de uma dessas barbearias surgiria um restaurante de nome bem apropriado, Escondidinho.

A casa foi fundada pelo português Delfim Felgueiras e pela mineira, já falecida, Lurdes Felgueiras. "Tudo começou quando Seu Delfim trabalhava como garçom num restaurante na Rua Santa Luzia, onde Dona Lurdes era a cozinheira. Contam que, para não perder a cozinheira de mão-cheia que ela era, ele lhe ofereceu a sociedade na nova casa e a pediu em casamento. No início, era apenas uma lojinha que vendia sanduíches e uma famosa batida de maçã que nunca mais conseguimos fazer. Só quem tem a receita é ele e, hoje, aos 85 anos, não consegue mais se lembrar", conta o gerente Marcos Santana.

O sucesso foi rápido e logo Delfim e Lurdes compraram a loja ao lado e expandiram os negócios. O sucesso, aliás, deveu-se à cozinha de Dona Lurdes, que sempre manteve a casa cheia com seus pratos tradicionais, a exemplo da costela de boi que até hoje é o carro-chefe do restaurante,

A casa, que abre de segunda a sexta-feira, das 11h até o último cliente, reúne habituées e uma nova geração formada, principalmente, por advogados e pessoas do mercado financeiro. Entre os freqüentadores assíduos, Carlos Lessa, Jaguar e quando eram vivos o sambista Luiz Carlos da Vila e Jorge Amado

como conta Santana. "O segredo da costela são os temperos, o modo de preparo que leva em média quatro horas assando e um corte que é bem específico, pois só trabalhamos com o miolo da costela e é até difícil conseguir fornecedores, pois eles têm uma perda muito grande. Além disso, limpamos toda a costela, antes de ela ser assada, e a gordura é só a da entranha da carne. Afora esses fatores, os cozinheiros que estão aqui há muitos anos foram, todos, orientados por Dona Lurdes."

O acepipe que chega à mesa, acompanhado por farofa de ovos e feijão-manteiga, em sua versão tradicional, ou ainda servido com agrião e aipim frito, dá para comer de colher, de tão macio. Aposto que você salivou e não é para menos. O prato serve três pessoas de maneira opulenta e saem em média, de 1.500kg de costela por mês.

Outra iguaria, só encontrada no Escondidinho, é a Cabeça de Peixe (de cherne ou badejo). Para aqueles que desejam prová-la, há fila de espera. Explica-se: para fazer o prato é necessário um peixe de 12kg ou mais, pois a cabeça é cortada até o dorso. Acompanhada de camarões e dois tipos de pirões, é um prato farto como todos os outros da casa e, embora anunciem ser para quatro pessoas, seis comem muito bem. Mas se você está preocupado em comer uma cabeça de peixe enorme, não fique. Caso você queira, o garçom se incumbe de separar a carne da cabeça.

Além dessas especialidades, o Escondidinho tem ainda outros pratos excepcionais, como o

Jorge Amado no Escondidinho

Contam os que o conheceram que Jorge Amado parecia personagem de suas histórias. Boa praça e grande contador de anedotas, o baiano deu a equipe da revista Senhor uma grande munição de boas histórias, sobretudo reais. Basta dizer que quando esteve no Rio para assinar o contrato de publicação de "Quincas berro d'àgua", foi levado para comer galinha assada no Escondidinho.

Ao mirar a cozinheira, o já célebre autor gritou a plenos pulmões: "Maria do pé sujo!". A mulata exuberante, como que acostumada ao chamado desafiador, respondeu de pronto: "É a sua mãe!"

Dona Lurdes havia trabalhado na república de jovens onde Amado morava, anos antes. Os dois conversaram longamente, emocionados. Todos os jornalistas do grupo pensaram a mesma coisa: acabavam de viver o privilégio de esbarrar numa personagem "vivível" de Amado.

polvo com arroz e brócolis, além dos pratos do dia como a rabada com polenta e agrião, cozido à portuguesa, frango ao molho pardo e a moqueca de peixe à baiana.

Mas não para por aí, no capítulo sobremesa, duas boas surpresas um mineiro com botas que é flambado em licor Cointreau à frente do cliente e doce de marmelo feito na casa da própria fruta. "O marmelo vem da Argentina, embora agora já se plante no Sul do país. O que fazemos e cozinhá-lo como em compota e servi-lo com queijo branco ou Catupiry", revela Santana.

Para atiçar ainda mais os paladares exigentes, não deixe de provar os croquetes de costela que fazem parte do *couvert*. São imperdíveis!

Para acompanhar esse lauto banquete há uma carta de bebidas que inclui cervejas diversas, uma lista consistente de cachaças artesanais ou ainda vinhos portugueses, argentinos, chilenos e brasileiros.

Apesar de escondidinho, a clientela é fiel e lota os dois andares da casa todos os dias, com filas enormes às sextas-feiras. "Nesse dia, servimos de cortesia caldinho de feijão para os que aguardam a entrada", revela Santana.

A casa, que abre de segunda a sexta-feira, das 11h até o último cliente, reúne habituées e uma nova geração formada, principalmente por advogados e pessoas do mercado financeiro. Entre os frequentadores assíduos, Carlos Lessa, Jaguar e quando eram vivos o sambista Luiz Carlos da Vila e Jorge Amado. Santana conta que a clientela muitas vezes surpreende como um cliente que apareceu há poucos dias às 9h da manhã. Tinha vindo de uma noitada e ficou fazendo hora e tomando algumas cervejas até a hora do almoço. De lá, só arredou pé às 20h, comenta rindo.

Como era gostoso o meu francês

POR JULIA SANTHIAGO

Áreas verdes, sinuosidade, caminhos curvilíneos, recantos românticos e pitorescos entre lagos, pontes, caramanchões, esculturas, estufas e pavilhões. Todas essas características são comuns às áreas de parques e espaços verdes cariocas como o Passeio Público, Campo de Santana e a Quinta da Boa Vista. Inspirados em um novo conceito urbano e apoiados em critérios de higienização, funcionalidade e embelezamento, quase todos os grandes jardins da cidade têm a assinatura do botânico francês Auguste François Marie Glaziou. E ainda há quem questione nossas afinidades francófilas. Vivre la France!

No período do Império, a partir de meados do século XIX, estava em voga o culto aos jardins, provocando o surgimento de novos campos profissionais, como os serviços de jardineiros e floristas, e o comércio de produtos relacionados, por meio de lojas especializadas que vendem não somente sementes e plantas nacionais e importadas, mas ainda ornamentos para atender às demandas de decoração das áreas domésticas. Durante os 35 anos em que viveu no Rio de Janeiro, Glaziou foi responsável por transformar a imagem da capital do Império com sua relevante atuação em projetos de jardins, parques, praças e avenidas. Devemos a ele também a descoberta de variadas espécies que receberam o seu nome, como a Glaziovia Bauhinioides, da família das bignoniáceas, descrita na Flora Brasiliensis, e a Manihot glaziovii (maniçoba), bem como a

Passeio Público

Passeio Público

Entre as principais obras de Glaziou, Ana Pessoa cita a reforma das áreas verdes da Corte Imperial: o Passeio Público, os jardins da Quinta da Boa Vista, o Campo de Santana, atual Praça da República e o jardim do Palácio de Verão de Petrópolis

Palácio Imperial, Quinta da Boa Vista

Campo de Santana

adoção de plantas brasileiras em praças e ruas do país.

De acordo com a diretora do centro de memória e informação da Casa de Rui Barbosa, Ana Pessoa, Glaziou é o grande nome do paisagismo no Rio de Janeiro. "Glaziou teve grande visibilidade e influenciou a jardinagem daquela época por ter sido o paisagista do imperador e da corte imperial. Ele ocupou a área pública e por isso teve tamanho destaque. Era uma pessoa com bom senso de adequação. Criou áreas majestosas e era uma pessoa antenada à natureza, ao clima e a ambientação", afirma.

Entre as principais obras de Glaziou, Ana Pessoa cita a reforma das áreas verdes da Corte Imperial: o Passeio Público, os jardins da Quinta da Boa Vista, o Campo de Santana, atual Praça da República e o jardim do Palácio de Verão de Petrópolis. Seu trabalho é considerado revolucionário por ter introduzido o uso de árvores de flores e, principalmente, de espécies nativas, muitas das quais ele próprio descobriu e trouxe para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Realizações de grande relevância as obras de Glaziou foram registradas por importantes fotógrafos da época como Revert Henrique Klumb, Joaquim

Insley Pacheco e Marc Ferrez. Além dos jardins e parques públicos, Glaziou realizou também obras particulares, como os jardins da residência das princesas imperiais, da família do Barão de Nova Friburgo, do Barão de Mauá, no Rio de Janeiro, e de Tavares Guerra, em Petrópolis.

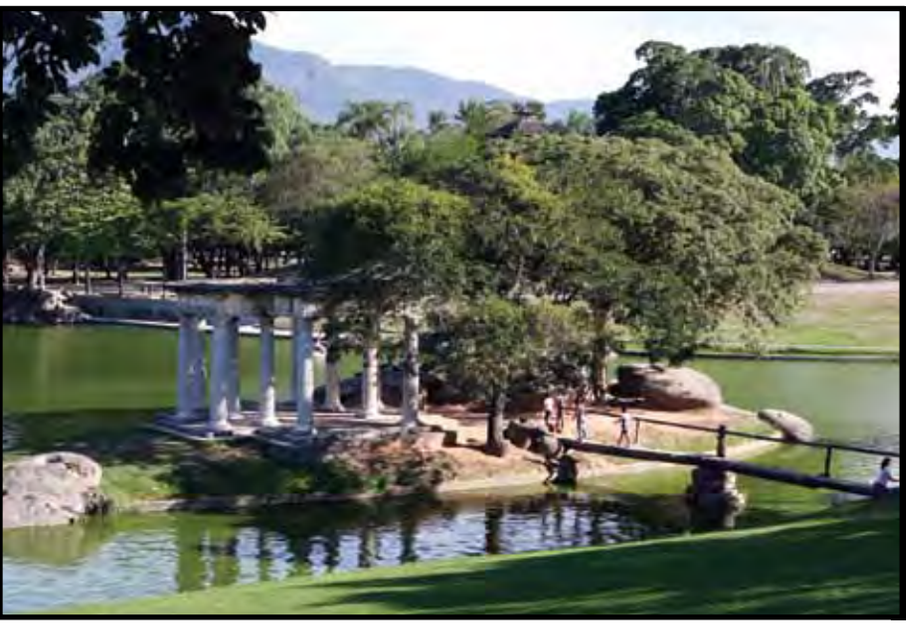
Passeio Público

O primeiro jardim público do Rio de Janeiro e também o primeiro projeto de grande visibilidade de Glaziou, inaugurado em 1783, foi o Passeio Público. Projeto de Valentim da Fonseca e Silva, tinha originalmente traçado à francesa, em terreno murado que chegava à beira-mar, o que lhe dava uma perspectiva infinita. Ao ser inaugurado o Passeio Público tornou-se o único lugar de recreio da população carioca, fato que ocasionou a lenta degradação do espaço. Em 1860, foi contratada a execução de obras de reforma, e sua manutenção por 10 anos, segundo plano apresentado por Francisco José Fialho e o botânico Auguste Glaziou. A nova composição agregava elementos dos jardins à inglesa e tentava dar ao parque uma aparência semelhante à dos parques contemporâneos europeus. No novo projeto, o ponto de vista único e ideal foi substituído pela diversidade de pontos de observação e o eixo longitudinal de simetria substituindo por uma sucessão de planos. Havia caminhos sinuosos, pavilhões, árvores e plantas nativas e água jorrando pela fonte dos jacarés, no grande tanque. As pirâmides de granito, libe-

radas da vegetação que as encobria, passaram a exibir os medalhões com inscrições do tempo do idealizador do Passeio Público, o vice-rei D. Luís de Vasconcelos.

quinta da boa vista

Hoje objeto de debates e projetos pelo Conselho Empresarial de Cultura da Associação Comercial do Rio de Janeiro, o parque da Quinta da Boa Vista abrigava o antigo Palácio de São Cristóvão, residência de D. João VI e posteriormente dos imperadores D. Pedro I e D. Pedro II. No Segundo Império a Quinta da Boa Vista passou por uma grande reforma paisagística. Glaziou transformou o seu entorno, planejou e executou intervenções que ordenaram o aspecto geral do parque e deram pompa ao palácio em uma concepção paisagística romântica. Entre as principais intervenções de Glaziou na Quinta da Boa Vista destaca-se a abertura da alameda das Sapucaias, que, por sua forma retilínea, foge do padrão sinuoso que o paisagista privilegiava, com seu eixo colocado exatamente à frente do palácio. O parque apresenta também elevações e depressões, uma área verde arborizada, marcada por caminhos sinuosos. Conta com grutas artificiais e falsos agrupamentos rochosos isolados que complementam a feição romântica do parque.



A exposição 'Glaziou e os Jardins Sinuosos' apresenta projeções digitais nas quais o visitante tem a oportunidade de fazer um passeio virtual pela Quinta da Boa Vista, Campo de Santana e Passeio Público atuais, por meio de filmagens projetadas em 180°

campo de santana

Inicialmente uma área pantanosa, que no século XVIII recebeu o nome de Campo de Santana devido à igreja erguida no local em homenagem a Nossa Senhora de Santana. Em 1874, após sucessivas propostas de urbanização da área, Glaziou foi o responsável pela reformulação do parque. O modelo utilizado segue os moldes dos grandes parques românticos parisienses como Monceau, Buttes Chaumont e Bois de Boulogne. O traçado irregular, com canteiros acidentados e árvores plantadas na periferia e a inserção de elementos que imitavam a natureza: pedras, troncos, grutas, lagos e cascatas artificiais trouxeram características diferenciadas ao local. A obra durou de 1873 ate 1880, quando o parque foi inaugurado pelo Imperador D. Pedro II. Apesar da abertura da Av. Presidente Vargas, na década de 40, o Campo de Santana mantém ainda hoje o caráter de sua concepção original.

exposição

Como parte das comemorações do Ano da França no Brasil, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a Dantes Editora e a França.Br 2009 realizam a exposição "Glaziou e os Jardins Sinuosos", aberta ao público até 15 de janeiro de 2010, no Museu do Meio Ambiente (MuMA), no Jardim Botânico. A exposição apresenta projeções digitais nas quais o visitante tem a oportunidade de fazer um passeio virtual pela Quinta da Boa Vista, Campo de Santana e Passeio Público atuais, por meio de filmagens projetadas em 180º, em dimensões naturais, que enfocam aspectos da obra de Glaziou. Uma outra projeção, em 3D, mostra ainda a beleza do Passeio Público do início do século XX. O presidente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Liszt Vieira, afirma que a exposição homenageia a cidade e busca resgatar a memória de Glaziou. "Ele inovou porque inventou jardins sinuosos quando todos eram retilíneos. Foi um grande botânico e a paisagem que criou deu uma feição mais humana para o Rio de Janeiro no sentido de melhorar as condições de habitabilidade". Ainda de acordo com Liszt, o Jardim Botânico do Rio de Janeiro possui cerca de mil amostras de plantas coletadas por Glaziou.

Rio, cidade cartão-postal

Jerônimo Moscardo

Embaixador e preside a Fundação Alexandre de Gusmão do Ministéiro das Relações Exteriores.

J. J. Rousseau já dizia que "é preciso muita filosofia para observar uma primeira vez o que se vê todo o dia". A verdade é que o cotidiano nos cega e acaba banalizando uma cidade cartão-postal como o Rio de Janeiro que é, seguramente, a cidade mais bonita do mundo. Mas não é só o Rio fisicamente, mas também seu povo que é aberto, generoso. Aliás, o carioca, tem pós-graduação em bem receber. Dizer no Rio que se é estrangeiro, provoca de imediato a xenofilia, um verdadeiro amor ao forasteiro.

Esses e outros aspectos levaram o Ministério das Relações Exteriores, através da Fundação Alexandre de Gusmão, a querer utilizar a capacidade de sedução do Rio de Janeiro como sala de visitas do Brasil. O projeto visa à integração nas dimensões econômica, política, cultural e estética. Vínhamos realizando nossos cursos para diplomatas sul-americanos em Brasília, mas vimos que fazer no Rio era diferente. Brasília é uma cidade administrativa e não tem o encanto do Rio. Passamos, então, a trazer os diplomatas para o Rio e com essa experiência também acabamos com essa ideia que o Rio é uma cidade violenta. A violência também existe em outras grandes capitais. Experimentando o Rio através dos olhos, com sua beleza que se sucede de maneira exponencial, os estrangeiros vão nos ensinar a nos enamorarmos de novo pela cidade.

Nossa ideia é fazer do Rio um centro de pensamento crítico, além de sede da Copa do Mundo e das Olimpíadas. É preciso retomar essa crença no Rio, não só como espaço do corpo como da mente.

Dos cariocas ilustres, Vinícius de Moraes sempre resumiu, não apenas a poesia, como a solidariedade do Rio. Para que se tenha uma ideia do criador de Orfeu, o embaixador Antonio Patriota, atual Secretário Geral das Relações Exteriores, ofereceu, em Washington, ao então presidente recém-empossado, Barak Obama, o DVD do filme "Orfeu Negro", dirigido por Marcel Camus. Foi o ponto de partida da estima do presidente pelo Brasil. E hoje que já temos o Aeroporto Tom Jobim e a Rua Vinícius de Moraes, porque não agregamos a praça em frente ao Palácio do Itamaraty, o nome do nosso poetinha? Aliás, o diminutivo teve sempre o caráter afetivo, jamais a condição da dimensão de Vinícius: um poetaço!

Fomos o segundo lugar no ranking de transparência. Não podemos esconder isso de você.

www.light.com.br

mpm

Light. Primeiro lugar no ranking de sustentabilidade das empresas de serviços públicos e segundo no ranking geral de transparência, de acordo com a revista Imprensa.

Light

O RIO **É LIGHT**

nbs

QUEM PROCURA NOVIDADE ANDA PELAS RUAS DE IPANEMA.
QUEM CANSOU DE PROCURAR VAI DIRETO AO OI FUTURO.
OI FUTURO, AGORA TAMBÉM EM IPANEMA.

Do biquíni à bossa nova, muitas tendências nasceram em Ipanema. Um bairro cultural e inovador que inspira criatividade até os dias de hoje. E é por isso mesmo que foi escolhido para receber o Oi Futuro, que abriga uma escola de arte e tecnologia para 100 jovens, um teatro e uma galeria multimídia. Não deixe de experimentar esse espaço.

Rua Visconde de Pirajá, 54 – Ipanema. **www.oifuturo.org.br**

oi FUTURO